

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025



A SENSIBILIDADE DOCENTE ENQUANTO VIA PARA A INCLUSÃO: AÇÕES REFLEXIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Gilson Pequeno da SILVA (PPGED/UFU)*¹

Agência de Financiamento: CAPES

Maria Geni Pereira BILIO (PPGED/UFU)*²

RESUMO: A escuta sensível e o olhar atento constituem dimensões fundamentais da dinâmica educativa, considerando a multiplicidade contemporânea. Este artigo propõe-se discutir, com respaldo em uma abordagem investigativa de natureza qualitativa, de que forma a sensibilidade docente diante das singularidades dos estudantes pode favorecer ações pedagógicas sensíveis às diferenças, dialógicas e humanizadoras. O estudo ancora-se em fundamentos teóricos que abordam diversidade, alteridade e preparação docente, a partir das contribuições de estudiosos relevantes. A estratégia metodológica escolhida é a narrativa docente, a partir de vivências ocorridas em contextos reais da etapa básica do ensino, notadamente em contextos escolares públicos, onde emergem múltiplas formas de enfrentar a diversidade são evidenciadas. O exame das narrativas indica que o aperfeiçoamento profissional contínuo tem função determinante na ampliação da percepção docente acerca da pluralidade dos sujeitos e das possibilidades de uma atuação pedagógica mais relevante. Infere-se que a escuta sensível, articulada à valorização das singularidades e ao reconhecimento do outro, favorece o fortalecimento de vínculos educativos mais éticos, justos e transformadores, capazes de enfrentar as exigências da inclusão com empatia, responsabilidade e valorização da heterogeneidade.

Palavras-chave: Inclusão; Formação docente; Sensibilidade pedagógica.

1 Introdução

O panorama educacional contemporâneo é permeado por múltiplos desafios que exigem do docente uma atuação que vai além da competência técnica dos conteúdos curriculares. Muito antes de apenas conhecer profundamente os saberes específicos de sua especialidade, o educador da atualidade é convocado a cultivar habilidades relacionais, éticas e afetivas, como empatia, escuta ativa, acolhimento das particularidades e disposição para interações dialógicas. Nesse contexto, pensar

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia - PPGED/UFU gilsonpequeno@hotmail.com

²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia - PPGED/UFU genibilioprofessora@gmail.com

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

sobre a variedade de pessoas e culturas que convivem na escola implica reconhecer as várias dimensões que constituem os sujeitos — suas vivências pessoais, culturas, formas próprias de aprender, convicções, princípios e identidades.

Cada estudante que adentra na escola carrega um repertório cultural singular, e compete ao docente acolher essa pluralidade como uma riqueza pedagógica, e não como um entrave a ser “resolvido”. Essa perspectiva exige uma alteração de paradigma quando nos referimos ao padrão educativo convencional, que frequentemente privilegiou a homogeneização em prejuízo da escuta e da valorização das singularidades. Como defende Freire (1996), a ação de educar é, sobretudo, uma ação de amor, compromisso e esperança, sendo a escuta do outro um elemento central da dinâmica educativa.

A prática do magistério, portanto, requer, com mais intensidade, um “olhar sensível” e um “ouvir atento” às condições dos estudantes, compreendendo que ensinar não se limita a transmitir conhecimento, mas construir sentidos com base nos vínculos estabelecidos. Como afirma hooks (2013, p. 24), “ensinar é um ato de resistência”, pois implica romper com modelos autoritários e excludentes, e propor caminhos alternativos para aprendizagem baseadas na escuta, na alteridade e na inclusão. O ambiente escolar como espaço coletivo, é também um território de encontros, tensões e negociações entre subjetividades diversas. Nesse contexto, o professor torna-se um mediador de sentidos, um articulador de conhecimentos e saberes, sobretudo, um sujeito ético e afetivo no exercício diário de sua profissão.

A sensibilidade do educador, nesse cenário, configura-se como um alicerce para práticas educativas inclusivas e transformadoras. Mais do que criar estratégias pedagógicas específicas, trata-se de adotar uma atitude que reconheça e valorize o outro em sua complexidade. Como afirma Skliar (2006), a diversidade não pode ser interpretada como um obstáculo à aprendizagem, mas sim como a essência da experiência educativa. A alteridade, isto é, a aptidão para perceber a singularidade do outro, é elemento básico para a edificação de um ambiente educacional democrático.

Além disso, segundo Canen (2006), torna-se inadiável que os planejamentos curriculares e as iniciativas de qualificação docente contemplam a valorização à



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

pluralidade cultural como eixo estruturante do percurso formativo. A ausência dessa perspectiva pode reforçar práticas excludentes, embora de modo não intencional.

Este artigo, portanto, propõe uma análise conceitual e prática sobre a sensibilidade docente como pilar de uma abordagem pedagógica ética, justa e engajada nos preceitos da inclusão. Baseando-se em um percurso metodológico narrativo e dialógico, a pesquisa toma como referência inicial experiências vivenciadas na formação básica escolar para analisar de que modo a escuta ativa e a aceitação da alteridade podem transformar as práticas cotidianas escolar. Ao articular os fundamentos e sua realização, busca-se ressaltar o valor de uma capacitação docente que reconheça a diversidade como base estruturante para a elaboração de metodologias educativas mais sensíveis, dedicadas à edificação de um ambiente escolar genuinamente democrático.

2 Metodologia

A pesquisa adota uma perspectiva qualitativa, sustentada pelo método da narrativa docente como dispositivo voltado à compreensão do exercício educativo e das subjetividades que a atravessam. Segundo Moraes (2014), “relatar experiências pessoais e profissionais permite compreender fenômenos complexos do trabalho docente e suas interfaces com a teoria” (p. 89). Dessa maneira, as narrativas não apenas revelam experiências vividas, mas também constituem formas de produzir saberes sobre o cotidiano da escola, evidenciando a articulação entre a trajetória formativa, a atuação pedagógica e o contexto social em que os sujeitos estão inseridos.

As análises aqui sistematizadas emergem de experiências reais compartilhadas por professores da rede pública que atuam em distintas etapas da escolarização – da etapa inicial até o segmento final da Educação Fundamental. A coleta das informações se deu de modo naturalizado e espontâneo, durante conversas informais na sala de convivência docente, momentos de intervalo, encontros pedagógicos e reuniões de planejamento coletivo. Esses espaços de escuta entre pares revelaram-se férteis para a troca de experiências, inquietações e percepções sobre a pluralidade existente nas turmas, assim como os obstáculos enfrentados no esforço por consolidar uma educação verdadeiramente inclusiva.

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

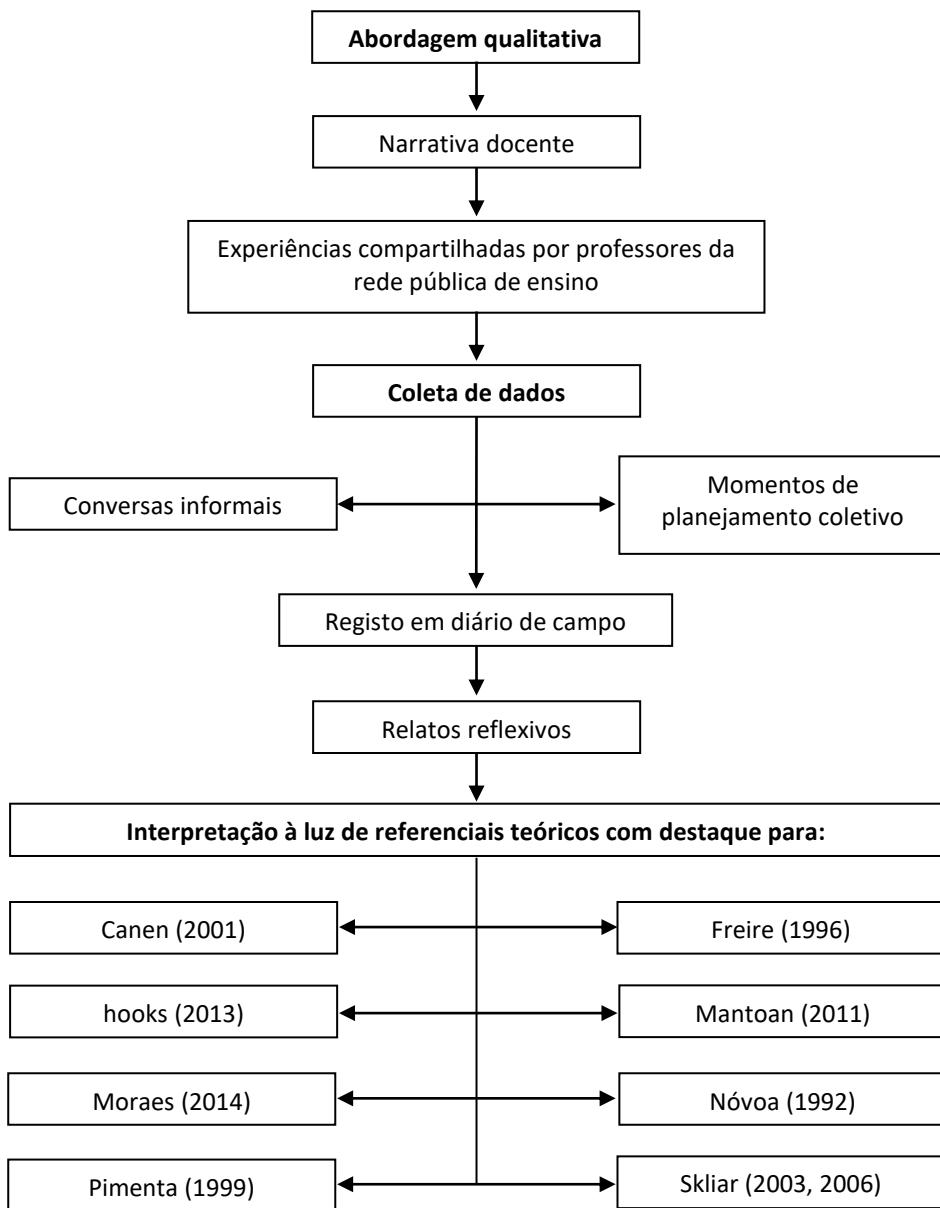
INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

As falas, mesmo não gravadas formalmente, foram registradas em caderno de anotações etnográficas e posteriormente reorganizadas em estrutura de relatos reflexivos. Tal estratégia possibilitou captar não apenas as opiniões e posicionamentos dos professores, mas também as emoções, os silêncios e os sentidos relacionados ao exercício docente diante da diferença. A Fig. 1 (Fluxograma – Caminhos da pesquisa) a seguir deixa mais visível as fases da pesquisa.

Fig. 1 - Fluxograma – Caminhos da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa - 2025

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

As informações foram interpretadas com base em aportes teóricos que abordam diversidade, inclusão, alteridade e a formação de educadores, destacando-se bell hooks (2013), Skliar (2003; 2006), Canen (2001), Freire (1996), Moraes (2014), Nóvoa (1992), Pimenta (1999) e Mantoan (2011). Nessa perspectiva, a pesquisa entende que o desenvolvimento profissional do docente se dá também nos espaços informais, durante as ocasiões de partilha entre colegas, sendo a escuta sensível entre docentes um potente disparador de pensamentos críticos sobre o próprio fazer educativo e sobre as possibilidades existentes para uma preparação mais humana e equitativa.

3 Discussão: escuta, diversidade e formação

As narrativas dos professores que foram analisadas mostram um cenário da escola fortemente caracterizado pela diversidade: não apenas étnica e cultural, mas também social, linguística, emocional e cognitiva. Em muitos discursos, foi apresentada uma definição inicial de inclusão, frequentemente associada à presença de alunos com deficiência ou que possuíam laudos clínicos. Essa visão reducionista de inclusão fala sobre uma lógica clínica/segregadora que perdura em tantas rotinas escolares. Como alerta Skliar (2003, p. 41), “não se trata de incluir o outro no mesmo, mas de acolher o outro como diferença”.

No entanto, à medida que os professores frequentavam espaços formativos, sejam formais ou informais, e trocavam experiências no nível de seus pares, especialmente durante os momentos de formação permanente previstos pela determinação do Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), uma mudança progressiva deveria ser notada em sua compreensão da diversidade. Em um estudo, um participante que era professor de pré-escola relatou: “Antes, eu via a inclusão como fazer atividades para alunos com laudos. Agora, percebo que cada criança aprende de forma diferente. Quando eu os escuto, posso planejar melhor” (Narrativa do professor, 2024).

Esses depoimentos corroboram como ambientes de escuta compartilhada entre educadores são campos constitutivos para a fabricação de significados sobre seu próprio ato pedagógico. Para Nóvoa (1992, p. 25), os professores “aprendem

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

principalmente quando compartilham e ouvem histórias de vida. Esses espaços – frequentemente não institucionais – funcionam como fortes agentes formativos, incentivando a reflexão sobre práticas e concepções educacionais.

Quando justapostas aos quadros das políticas públicas inclusivas, as narrativas demonstram que o impacto dessas diretrizes não é tanto feito pela presença formal das leis, mas sim pela forma sensível e crítica com que os professores as apropriam. A Fig. 2 (Dimensões da escuta sensível e impacto percebido na prática docente) do estudo atual fornece um roteiro onde dimensões, como empatia, escuta ativa e reconhecimento das diferenças, têm um efeito direto no planejamento pedagógico e no engajamento dos alunos. A Figura 3 (Mapa mental - escuta, diversidade e formação) compila visualmente o processo de transformação do agente educacional a partir do diálogo e reflexão coletiva, mostrando caminhos para ressignificar a prática no interior das escolas. Esses dados mostram que a sensibilidade pedagógica, quando trabalhada com políticas públicas e desenvolvimento da equipe, é um poderoso polo de transformação na forma de ser a escola inclusiva.

Esses achados demonstram que, quando políticas organizadoras estão em vigor, o desenvolvimento profissional dos professores tem uma chance melhor de levar a práticas inclusivas, cuidadosas e efetivamente inclusivas.

Figura 2 – Dimensões da escuta sensível e impacto percebido na prática docente

Dimensão da escuta sensível	Frequência nos relatos (%)	Impacto relatado
Reconhecimento da diversidade	85%	Planejamento mais adequado
Relação empática com alunos	78%	Maior engajamento dos estudantes
Reflexão sobre a prática	66%	Melhoria na relação ensino-aprendizagem
Vinculação com políticas públicas	42%	Reconfiguração das estratégias pedagógicas

Fonte: Dados da pesquisa – 2025.

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

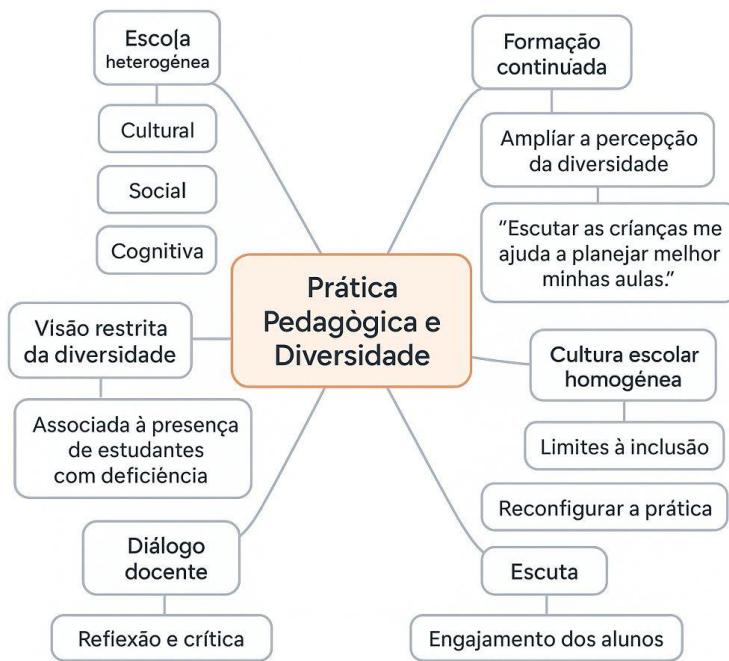
INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Esses dados acima indicam que a formação docente, quando apoiada por políticas estruturantes, tem maior chance de desencadear práticas sensíveis, acolhedoras e efetivamente inclusivas.

Fig. 3 - Mapa mental - escuta, diversidade e formação



Fonte: dados da pesquisa - 2025

4 Considerações Finais

A presente investigação buscou compreender a relevância da sensibilidade docente — expressa pela escuta ativa e pelo olhar atento — enquanto alicerce para práticas educativas abrangentes no cenário da pluralidade educacional. Com respaldo em um enfoque interpretativo e na utilização da narrativa docente como recurso investigativo, foi possível acessar experiências compartilhadas por profissionais da educação básica, em momentos informais como reuniões pedagógicas, rodas de conversa e interações espontâneas em espaços coletivos.

Os relatos revelaram que a escuta entre pares, muitas vezes negligenciada pelos espaços institucionais de formação, pode desencadear processos potentes de

VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

análise e ressignificação da prática educativa. Professores que, inicialmente, compreendiam as diferenças de maneira restrita, passaram a ampliá-las por meio do contato com outras vozes, experiências e inquietações. Essa ampliação de horizontes, favorecida pela formação continuada, mostra-se indispensável no cotidiano escolar marcado por multiplicidades culturais, cognitivas e afetivas.

De acordo com as contribuições de hooks (2013), ensinar é um gesto de resistência e igualmente de edificação de espaços de liberdade. Essa liberdade se concretiza quando o educador reconhece a alteridade em sua individualidade e constrói, com ele, percursos de aprendizagem significativos. Nesse processo, a escuta não se limita a uma habilidade técnica, mas uma postura ética que permite construir vínculos mais igualitários, sensíveis e acolhedores.

O estudo também evidencia que os espaços informais de convivência docente, como, por exemplo, o ambiente destinado ao convívio entre professores, assumem uma função formativa valiosa, pois neles se compartilham vivências, desafios e soluções pedagógicas de modo natural e significativo. Retomar esses espaços como ambientes legítimos de aprendizagem profissional pode fortalecer uma cultura colaborativa no ambiente escolar, promovendo o pertencimento e a coautoria na dinâmica educativa.

Viabilizar uma educação ampla e participativa exige algo além de políticas de acessibilidade: requer a promoção de uma sensibilidade que reconheça a diferença como valor e que transforme a rotina da sala de aula em um território de escuta, diálogo e construção conjunta do saber. Para isso, torna-se imprescindível que as iniciativas de qualificação inicial e permanente incorporem, de forma analítica e dialógica, discussões sobre alteridade, equidade cultural e moral relacional.

Esta pesquisa ressalta a urgência de intervenções educativas pautadas pelo reconhecimento da singularidade alheia e pela escuta ativa — práticas essas que, para além de metodologias, são escolhas políticas alinhadas à defesa do valor humano e à consolidação de um espaço escolar verdadeiramente inclusivo.





Referências

CANEN, Ana. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 77, p. 207–227, dez. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000400010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MORAES, Maria Cândida. **Narrativas docentes e formação reflexiva**. Campinas: Papirus, 2014.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 37–49, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1244/4251>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SKLIAR, Carlos. **A identidade que é nossa e a exclusão que é do outro**. In: RODRIGUES, David (Org.). Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus Editorial, 2006. p. 15–34.